

Transplante de nervos na Unicamp

25 MAR 1983

Da sucursal de
CAMPINAS

O Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp já está realizando transplante de nervos, uma microcirurgia extremamente delicada e cara, que é feita com baixa freqüência no Brasil, principalmente pela falta de estrutura dos hospitais e pela necessidade de utilização de material importado. A Unicamp também é a primeira universidade do País a desenvolver pesquisa na área do sistema neuromuscular, com a finalidade de se chegar a técnicas de transplante que permitam o aproveitamento de substâncias naturais do corpo humano para a sutura dos nervos que poderão, no futuro, substituir os métodos artificiais, utilizados atualmente.

As duas atividades foram anunciadas ontem, em entrevista coletiva pelo neurologista Guilherme Borges, que retornou há dois meses da Alemanha, onde passou mais de seis anos se especializando em patologias nervosas periféricas na Universidade Johannes Gutemberg, na cidade de Mainz, uma das mais conceituadas clínicas do mundo na área de neurocirurgia. Segundo ele, a Finep financiará a pesquisa nesse campo com cerca de 200 milhões.

O transplante, de acordo com o especialista da Unicamp, consiste na colocação de um enxerto para a junção das duas extremidades rompidas, que se retraem quando ocorre a ruptura. A cirurgia não apresenta qualquer risco para o paciente, de acordo com o médico. Durante a intervenção, que exige anestesia geral, é retirado do paciente o nervo a ser transplantado e que será ligado às extremidades rompidas por fios de nylon mais finos que um fio de cabelo. Tanto o fio — cuja caixa de 20 unidades custa cerca de 100 dólares, mais de Cr\$ 41 mil — como a agulha só podem ser vistos através do microscópio. O médico afirmou que não há, na Unicamp, uma estimativa do custo total dessa cirurgia, mas na Alemanha são cobrados três mil dólares, o equivalente a mais de Cr\$ 1,2 milhão.

De acordo com o especialista, o transplante pode ser feito em qualquer região do corpo humano, utilizando-se como enxerto nervos do próprio paciente, geralmente o nervo "sural" da perna, na região do calcâneo, com função sensitiva e que não altera a funcionalidade dessa parte do corpo quando retirado. O corpo humano é formado pelo sistema nervoso central — o cérebro — e o periférico — ramificações em todos os membros considerados de característica mista por apresentarem funções sensitivas e motoras e por isso adaptam-se a qualquer uma dessas funções depois de transplantados. Esse sistema periférico recebe ordens do sistema central, propiciando os movimentos e sensibilidade nos indivíduos.

Segundo Guilherme Borges, existem várias patologias nervosas em que o transplante se faz necessário, mas as causas mais freqüentes no Brasil são as traumáticas, rupturas provocadas por facas ou revólveres. Também é grande a incidência de tumores e as patologias compressivas, quando o nervo é comprimido de alguma forma. Algumas atividades específicas, que exigem intensamente determinada região do corpo, podem levar a esse tipo de patologia, como é o caso dos cortadores de cana, que apresentam alteração de sensibilidade pelo excesso de movimento contínuo do punho.

O Departamento de Neurologia da Unicamp, que funciona no Hospital Irmãos Penteado, tem condições de realizar somente dois transplantes por semana. O ideal, conforme o especialista, seria que esse tipo de intervenção fosse realizado diariamente, pela freqüente ocorrência de casos.